

Público

02-09-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 132

Imagem: N/PB

Página (s): 10

PS acusa Passos de críticas ásperas ao TC

Governo

O PS acusou ontem o primeiro-ministro de criticar “asperamente” quem faz cumprir a Constituição e disse que Passos Coelho não é analista para fazer análises das decisões do Tribunal Constitucional (TC).

Numa conferência de imprensa em Lisboa, o vice-presidente da bancada parlamentar socialista apontou que as declarações do primeiro-ministro no encerramento da Universidade de Verão do PSD são preocupantes.

“São declarações preocupantes quer da perspectiva que o primeiro-ministro tem do Estado de direito quer em termos de opções que vão castigar muito, quem muito castiga - do já tem vindo a ser por este Governo”, disse Basílio Horta. Na opinião do deputado socialista, Passos “não se limita a não cumprir a Constituição”. “Agora critica asperamente quem a faz cumprir, ou seja os juizes do Tribunal Constitucional”, apontou.

Defendeu, por outro lado, que não cabe a Passos fazer análise das decisões do TC, uma vez que não é analista e “não pode fazer análise desprendida da posição que ocupa”. Basílio Horta disse que não se está a verificar “a necessária convivência e respeito recíprocos” entre órgãos de soberania, no caso o Governo e o TC, o que “revela pouca preparação democrática do primeiro-ministro e um mau funcionamento das instituições democráticas”.

Defendeu, por outro lado, ser igualmente grave o que Passos Coelho anuncia - mais cortes nas pensões - continuando a “castigar” os reformados. Disse ter ficado igualmente preocupado com a concepção de Estado social de Passos, acusando-o de “obviamente” se estar a preparar para cortar não apenas nos reformados, mas também na saúde. “O Estado social continua a ser objecto de destruição por parte deste Governo”, acusou Basílio Horta.

Apontou que o Governo ainda não entendeu que a actual situação de “catástrofe económica” do país foi fruto não da reforma do Estado, mas de uma política de austeridade e do princípio de que os portugueses viveram acima das suas possibilidades, tendo como consequência o declínio do consumo interno. Como alternativa aos cortes, Basílio Horta apresentou soluções como uma “reforma séria do Estado”, frisando que reformar não é despedir.